

CORRESPONDÊNCIA ENTRE MÁRIO DE ANDRADE E ASCENSO FERREIRA: CONFIGURAÇÕES ESTÉTICAS E PROCESSOS SOCIAIS NO SÉCULO XX

Profa Dra Edna Maria Rangel de Sáⁱ (UFRN)

Resumo:

A presente pesquisa intenta discutir de que forma de configura a estética do modernismo através das cartas trocadas entre o poeta pernambucano Ascenso Ferreira e o escritor paulista, Mário de Andrade. Aquele foi um poeta que permaneceu “à margem da grande festa literária” e dos prestígios dos quais usufruíram os escritores que ganharam destaque. Contudo, trata-se de um poeta com um extremo compromisso com a realidade do Nordeste, expresso numa linguagem coloquial e bem ao gosto modernista. O escritor paulista já consagrado, regente do movimento que tem seu estopim na capital paulista, se espalhando por todo o país através, principalmente, da sua vasta correspondência com escritores e intelectuais de todo o país. A leitura dessa correspondência revela nuances dessa amizade sugerindo as influências de Mário na obra de Ascenso Ferreira, assim como as muitas contribuições, como o envio de modinhas, partituras e de outras pesquisas em música, para Mário.

Palavras-chave: Cartas, Estética Modernista, Processos Sociais

1 FUNDAMENTANDO NOSSA PESQUISA¹

Nossa pesquisa com cartas tem cerca de 12 anos, mas as pesquisas nas cartas trocadas entre Mário de Andrade e Ascenso Ferreira estão ainda no início. Nosso objetivo maior é perceber até que ponto Mário de Andrade influencia a poesia e própria trajetória de Ascenso Ferreira e quais foram as colaborações do poeta pernambucano nas pesquisas do corifeu do modernismo.

Escrever cartas era uma atividade essencial à maioria dos intelectuais brasileiros até a segunda metade do século XX, quando ainda não era tão evidente o domínio da tecnologia informacional computadorizada nas comunicações interpessoais. Vista como uma memória cultural documentada, a produção epistolar poder se caracterizar também como um registro de dimensão não-institucional, no contexto do espaço que Angel Rama (1982) define como “cidade das letras”: o espaço material, simbólico e funcional construído e gerido pela intelectualidade que historicamente se organiza em torno do poder, especialmente na América Latina. Nesse contexto, os indivíduos e instituições implicados nas questões tratadas pelos autores das cartas podem ser vistos como agentes culturais que dão forma a universos de interesses distintos, revelando tensões implicadas nas relações sociais. Esses agentes culturais constituem, via de regra, uma elite cultural da sociedade, aspecto que interessa a uma pesquisa que analise as formas de filtragem das dominantes culturais de determinados períodos.

No estado de Pernambuco, cuja “cidadela das letras” teria como centro a capital Recife, o

¹Esta parte teórica já foi discutida num texto, de Edna Maria Rangel de Sá e Humberto Hermenegildo de Araújo, para o *I Seminário do Projeto do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte*, ocorrido em Natal, de 01 a 03 de dezembro de 2010.

espaço e a situação envolvidos na história a ser analisada e reconstruída² permitem trabalhar com a hipótese de que os leitores críticos da produção epistolar afim deverão discutir determinados assuntos recorrentes: temas da literatura local, aspectos da literatura brasileira, Construção das obras do escritor pernambucano, pedidos, recorrentes, do escritor paulista de material sobre as canções folclóricas pernambucas e temas do folclore nordestino, no geral. Além de notícias pessoais de Ascenso Ferreira e de Mario de Andrade.

O gênero epistolar tem a particularidade de expor a conversa de um indivíduo com um interlocutor ausente, mesmo que se considere a presença implícita deste. A resposta, que não pode acontecer de forma imediata, é sempre construída após a escuta de todo o discurso do outro, surgindo daí uma situação privilegiada para análise, dado o caráter reflexivo e, ao mesmo tempo, espontâneo desse tipo de diálogo. O hibridismo desse discurso apresenta-se como um desafio para o historiador da literatura e para o crítico literário, uma vez que o texto das missivas pode conter informações essenciais para o estabelecimento de conjunturas e para a confirmação de hipóteses levantadas em análises do texto literário, assim como informações demasiadamente marginais ao interesse da pesquisa. Neste sentido, a metodologia desta proposta deverá esclarecer sobre o interesse dos pesquisadores na análise dos documentos, a partir de determinados pressupostos teóricos.

Podendo ser consideradas como “reliquias da intimidade”, as cartas revelam projetos (iniciados, abandonados, retomados), muitos dos quais floresceram em obras consagradas ou relegadas à margem do cânone estabelecido. Essas cartas são, portanto, documentos essenciais para o estudo dos movimentos literários e culturais.

Os assuntos prosaicos, próximos do mundo da crônica como a define Antonio Candido (1992), assim como as técnicas de narrativa empregadas (o que implica muitas vezes perspectiva ficcional, relatos, personagens, pontos de vistas) indicam ao pesquisador a necessidade de analisá-las como “escritas do tempo” (cf. NEVES, 1992), ou seja, como singulares registros históricos, datados. Leitura que se torna ainda mais pertinente se considerarmos a situação dos meios de comunicação do nosso presente, sob o domínio da tecnologia atual, do meio eletrônico. Neste sentido, a correspondência dos escritores Ascenso Ferreira, de Pernambuco, e Mário de Andrade, de São Paulo, e algumas cartas enviadas do Rio de Janeiro, será lida neste artigo como “lugar de sociabilidade” no sentido que lhe dá Gomes (1999) – como uma peça que interessa à compreensão histórica dos intelectuais brasileiros e suas posições nos movimentos das ideias e das formas artísticas, no contexto mais amplo da modernidade.

Sabe-se, contudo, que há um momento – o movimento modernista – em que a epistolografia adquire fundamental importância para a história da literatura brasileira:

[...] Antes, com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam “estilo epistolar”, oh primores de estilo! Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem, sem mandar respeito à excelentíssima esposa nem descrever crepúsculos, sem danças minuets sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (SOUZA, 1993, p. 297).

2 Citamos aqui o projeto *Arquivos de correspondências: carta e vida literária de escritores do Rio Grande do Norte*, financiado pelo CNPq (Edital Universal –MCT/CNPq – nº 14/2010), o qual faço parte e é coordenado pelo professor Humberto Hermenegildo de Araújo, As reflexões teóricas deste artigo se inserem nesse projeto supra citado.

A cidade do Recife, por exemplo, era palco de acaloradas discussões sobre essa fase da modernização social, com reflexos na literatura e na vida literária, aspecto que certamente está contemplado na correspondência a ser pesquisada.

A consciência moderna do tempo, o diagnóstico de época e sua crítica, a posição exposta dos intelectuais em contexto intersubjetivo são elementos que se apresentam como chave de leitura do material posto em confronto com o conhecimento acumulado sobre a modernidade brasileira que se manifestou no sistema literário nacional, no período considerado.

As favoráveis circunstâncias na realização deste projeto permitirão avançar no processo de conhecimento sobre a obra de Ascenso Ferreira, no tocante ao pensamento do escritor em relação a diversos temas (política, cultura, literatura, conjuntura histórico-social, atuação dos intelectuais locais, questões de autobiografia, relações interpessoais em Pernambuco e em várias partes do Brasil e do mundo).

A leitura das cartas trocadas entre os dois escritores em questão terá como princípio básico o reconhecimento da característica híbrida do gênero, o que pressupõe um diálogo permanente com métodos de leitura que promovem investigações sobre textos em prosa e discursos na fronteira da escrita literária. Um exemplo desse hibridismo de discurso é apresentado por Haroche-Bouzinac (1995, p. 92), ao estabelecer uma analogia entre carta e teatro e ao analisar o gênero epistolar: “*La lettre joue le théâtre, non seulement dans sa forme dialoguée, par le voix qu’elle fait entendre, mais aussi dans la mise en scène de soi par soi [...]*”. Tal singularidade é confirmada por Moraes (2007) em sua análise das cartas de Mário de Andrade a partir da perspectiva de uma leitura das “*mise en scène*” epistolares, o que implica:

[...] o desvelamento das metamorfoses da voz epistolar do escritor em face de seus vários interlocutores, de forma a captar os diferentes relacionamentos em suas particularidades. Diverso do texto memorialístico, estático em sua fixação de uma imagem desejada e plana, o discurso epistolar, em conjunto, desvenda o remetente crivado de contradições e propósitos mais ou menos conscientes. Buscar uma imagem coesa nas cartas representa sempre uma cilada de difícil desvencilhamento [...] (MORAES, 2007, p.760).

Esse lugar fronteiro da epistolografia moderna leva-nos também a buscar apoio teórico e metodológico em estudos que verifiquem a aproximação entre a escrita e o tom ligeiro e informal da oralidade, como acontece em pesquisas relacionadas à crônica³.

O discurso epistolar revela, portanto, uma dialogicidade interna, nos termos delimitados por Mikhail Bakhtin (1988, p. 92):

O fenômeno da dialogicidade interna, como dissemos, em maior ou menor grau, encontra-se manifesto em todas as esferas do discurso vivo. Mas se na prosa extraliterária (de costumes, retórica ou científica) a dialogicidade está habitualmente isolada em ato autônomo e particular e se ela se desenvolve no diálogo direto ou em outras formas distintas, expressas composicionalmente, de segmentação e de polêmica com o discurso alheio, na prosa literária, e em particular no romance, ela penetra interiormente na própria concepção de objeto do discurso e na sua expressão, transformando sua semântica e sua estrutura sintática. A reciprocidade da orientação dialógica torna-se aqui um fato do próprio

3 Neste sentido, reconhecemos a importância da histórica coletânea de ensaios *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil* (1992), até porque os dois gêneros têm um percurso semelhante no que tange à sua importância para uma compreensão da moderna literatura brasileira.

discurso que anima e dramatiza o discurso por dentro, em todos os seus aspectos.

Para aplicar essa categoria na análise do discurso das missivas, trabalharemos com a noção de “compreensão ativa”, que supõe invariavelmente o discurso de outrem, considerando-se o princípio de que a compreensão somente amadurece na atitude responsiva (BAKHTIN, 1988, p. 90).

Uma vez vencido o primeiro momento de aproximação com o objeto de estudo, a etapa seguinte consiste na leitura sistemática dos documentos. Para tal, contaremos com o apoio do método de leitura da Linguística Textual na perspectiva de Jean-Michel Adam, o que possibilitará a análise textual e intertextual das cartas, verificando as dominantes argumentativas dos discursos em confronto. A compreensão do processo de produção contextual de sentido das cartas selecionadas para análise terá, contudo, um complemento que extrapola o exame da unidade textual elementar, qual seja, o exame da carta como um gênero privilegiado no estudo do desenvolvimento literário.

A situação da região Nordeste em relação aos modernos centros culturais do país, implicando aí a definição do papel dos produtores e a formação de públicos, bem como uma organicidade de linguagem e estilo solicitam leituras sobre modos e tempos diferentes nas diversas regiões e estados, sob a influência e a pressão dos grandes centros nacionais. Considerando esses denominadores, com especificação histórica e social, pode-se investigar as especificidades das dinâmicas entre os modelos estrangeiros e a matéria brasileira no processo formativo e entre as regiões centrais e periféricas do país no processo de expansão e integração desse mesmo sistema, antes que as tendências centrífugas da globalização viessem impor novos desafios.

Neste sentido, o movimento modernista brasileiro será visto não como um bloco homogêneo de acontecimentos literários e culturais, e sim como resultado de um conjunto de fatores contextualizados em situações diferenciadas no tempo. Para esta compreensão, recorreremos à noção de “temporalidades diferenciais”, referida pelo historiador inglês Perry Anderson no ensaio *Modernidade e revolução* (1986). Nele, o autor questiona a perenialidade e homogeneidade da modernização, da maneira como proposta por Marshall Berman em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, contrapondo a esta uma temporalidade mais complexa, que já está presente na concepção de Marx do tempo histórico do modo de produção capitalista. “Tratava-se de uma temporalidade complexa e *diferencial*, em que os episódios ou eras eram descontínuos em relação uns aos outros, e heterogêneos em si mesmos” (ANDERSON, 1986, p. 6).

A noção referida, de temporalidades diferenciais, assim como a noção de sistema literário nacional, de Antonio Candido, servirá de eixo para as especificações locais das relações entre perspectiva regional e modernização presentes nas cartas estudadas.

Neste sentido, nossas pesquisas tomarão como fundamento teórico a vasta bibliografia existente sobre a questão da Modernidade, sobretudo no que diz respeito à “posição exposta dos intelectuais em contexto intersubjetivo” (Habermas, 2002), com o objetivo de analisar, inclusive, a fortuna crítica referente ao estudo do modernismo e do regionalismo no Nordeste, verificando também os posicionamentos teóricos dos seus críticos.

A orientação básica sobre arte moderna no século XX terá como eixo as formulações de Theodor W. Adorno e Walter Benjamin. O primeiro teórico lida, principalmente, com as formas padronizadoras da sociedade industrial e as chances de a literatura propor a relação crítica possível entre uma subjetividade precarizada e uma objetividade simultaneamente inalcançável e onipresente. Já o segundo lida com a noção de empobrecimento da experiência na sociedade moderna e fornece elementos para se pensar a civilização e o progresso como empreendimentos ambíguos (o monumento à civilização que é também um monumento à barbárie, a vigilância

constante para arrancar a tradição ao conformismo, a história que é contada pelos vencedores). Ambos os teóricos, oriundos da Escola de Frankfurt, também refletem sobre o próprio ato crítico, procurando livrá-lo das tendências especializantes da ciência no século XX e dos modelos fixos que desvitalizam os resultados e levam, inevitavelmente a construções homogêneas da história e da literatura.

O pesquisa desenvolverá uma leitura da produção epistolográfica de sujeitos localizados em uma comunidade específica, mas lançará olhares sobre a literatura brasileira do período considerado para a eleição do *corpus* da pesquisa. É no conjunto dessa literatura que se situam os interlocutores daqueles sujeitos, inevitavelmente. Na análise da produção referida, será estabelecida também uma discussão sobre a crítica da época e a crítica contemporânea, além de um diálogo constante com a leitura mais diretamente relacionada à produção cultural e literária das sociedades que compartilham problemáticas semelhantes, a saber, as sociedades da América Latina. Para isto, o projeto busca também o aporte teórico de autores como Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar, pois suas perspectivas teóricas são afins à matriz de problemas analisados por Antonio Candido, na sua vasta obra.

O pesquisa recorrerá também, necessariamente, ao auxílio da crítica genética, sobretudo no que diz respeito à possibilidade de a carta funcionar como um aparato testemunhal do processo da criação ficcional em vários níveis.

Tais considerações têm como princípio a leitura do texto como fonte primordial de questionamentos, numa metodologia que se tece no entrecruzamento de visões integrativas do fenômeno literário, com aberturas interdisciplinares.

As cartas aqui relacionadas estão em pleno estudo e, certamente, deverão ser encontrados fatos ainda não descritos nesse artigo.

2 BREVE APRESENTAÇÃO DOS MISSIVISTAS

Poeta pernambucano⁴, **Ascenso** Carneiro Gonçalves **Ferreira** nasceu na cidade de Palmares no ano de 1895. Dizem que começou a atividade literária enganado, compondo sonetos, baladas e madrigais. Depois da "Semana de Arte Moderna" e sob a influência de Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira e de Mário de Andrade, tomou rumos novos e achou um caminho que o conduziria a uma situação de relevo nas letras pernambucanas e nacionais. Voltou-se para os temas regionais de sua terra que foram reunidos em seus livros "Catimbó" (1927), "Cana caiana" (1939), "Poemas 1922-1951" (1951), "Poemas 1922-1953" (1953), "Catimbó e outros poemas" (1963), "Poemas" (1981) e "Eu voltarei ao sol da primavera" (1985). Foram publicados postumamente, em 1986, "O Maracatu", "Presépios e Pastoris" e "O Bumba-Meu-Boi: Ensaio Folclóricos", em livro organizado por Roberto Benjamin. Distingue-se não pela quantidade, mas pela qualidade, atingindo não raro efeitos novos, originais, imprevisos, em matéria de humorismo e sátira. O poeta faleceu na cidade do Recife (PE), em 1965.

Mário Raul de Moraes Andrade⁵ (São Paulo, 09 de outubro de 1893 □ São Paulo, 25 de fevereiro de 1945) foi um poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e epistológrafo brasileiro. Exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e

⁴Informação disponível em: <http://www.onordeste.com/onodeste/enciclopediaNordeste/index> . Acesso em 16/07/2011.

⁵Informação disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_de_Andrade. Acesso em 16/07/2011.

estudioso□\ foi um pioneiro do campo da etnomusicologia □\sua influência transcendeu as fronteiras do Brasil.

Mário assume o Departamento de Cultura e, em um marco daquela instituição, Claude Lévi-Strauss, então professor visitante da Universidade de São Paulo, realizou pesquisas. Outro grande evento foi a Missão de Pesquisas Folclóricas que, em 1938, visitou mais de trinta localidades em seis estados brasileiros em busca de material etnográfico, especialmente na música. A missão foi interrompida, no entanto, quando, em 1938, pouco depois de instaurado o Estado Novo (do qual era contrário), por Getúlio Vargas, Mário demitiu-se do departamento e mudou-se para o Rio de Janeiro para tomar posse de um novo posto na UFRJ, onde dirigiu o Congresso da Língua Nacional Cantada, um importante evento folclórico e musical. Em 1941 retornou para São Paulo e voltou ao antigo posto do Departamento de Cultura, apesar de não trabalhar com a mesma intensidade que antes.

3 APRESENTANDO AS CARTAS

Mário conheceu Ascenso Ferreira em 1925, quando viajava com Dona Olivia, de navio, por várias partes do Brasil. Logo depois, tem início uma correspondência com o poeta paulista que vai de 1926 a, pelo menos, 1943. Joaquim Inojosa já havia falado com Ascenso sobre as cartas de Mário, mas ele não havia dado resposta. Pertinho da publicação do livro **“O movimento modernista em Pernambuco”**(1968-1969), Ascenso pede que Inojosa procure, com autorização escrita, Stella Griz Ferreira, poetisa pernambucana e esposa de Ascenso, e pegue as cartas enviadas por Mário. Ele explica que estão faltando muitas cartas, que foram se extraviando com as mudanças de residências que fazia, mas explica que ali estão as cartas mais importantes e esclarecedoras do conjunto da correspondência. Segundo o próprio Ascenso, essas cartas eram importantes por revelarem os primeiros contatos dele com o poeta paulista e por desvendar a sua invenção poética. Mostram, ainda, as colaborações de Ascenso, em assuntos nordestinos, para as obras de Mário, e os comentários deste às obras do poeta pernambucano. Temos, no livro citado, 17 cartas de Mário de Andrade.

Logo na primeira carta, Mário faz menção a Luís da Câmara Cascudo, folclorista potiguar, como sendo um contato entre ele e Ascenso. “Você de certo já sabe pelo Luís porque não respondi logo agradecendo os versos que me mandou.”(carta de 02 de novembro de 1926). Nessa carta, Mário comenta os poemas de Ascenso, fazendo muitos elogios, dizendo que será um livro maravilhoso e prometendo escrever um artigo sobre o livro assim que sair e Ascenso enviá-lo. Mas faz também algumas correções em alguns poemas, mesmo dizendo que não o faria por o livro já estar no prelo e não ter mais o que se fazer para essa edição. Mário ainda diz que o livro de Ascenso será muito mais excepcional por trazer músicas e pede que o poeta pernambucano o auxilie em suas pesquisas recolhendo tudo quanto puder de danças e cantigas de Pernambuco. Sabe-se que Ascenso obedece e ajuda Mário com muitas cantigas e danças inéditas. Mário finaliza com uma proposta de amizade: “Fico esperando resposta com ansiedade. Olhe, Ascenso, será para mim um prazer muito verdadeiro se ficarmos amigos e ofereço para você tudo que tenho de bom. Se quiser, entre nessa casa e se instale.”

Já na segunda carta, de 07 de fevereiro de 1927, Mário se desculpa pela demora em responder e agradece as valiosas contribuições de Ascenso.”Você deve estar danado da vida comigo porque nem dei resposta **pros benefícios que você está me fazendo. Me perdoe.”....”Ascenso, você nem imagina como estou grato pra você. As melodias que me tem mandado e as explicações me deixaram entusiasmado e feliz.**”

Em carta de 01 de janeiro de 1928, Mário comenta uma mudança no comportamento de Ascenso, que sempre foi conhecido por seu espírito livre, seu bom humor e seu jeito bonachão. Segundo Mário, Ascenso de mostra, nas últimas cartas, preocupado com a vida prática, com a fama e a celebridade que agora se aproximavam dele.

Em 17 de dezembro de 1928, Mário escreve a Ascenso e esposa de Natal, da casa de Cascudo.(INOJOSA, 1968-1969, p. 350). É mais uma espécie de bilhete onde Mário se mostra muito feliz em estar com o amigo Cascudo.

A partir do início de 1940, as cartas de Mário chegam do Rio de Janeiro. Na primeira carta, de 1 de março de 1940, Mário diz estar chegando de São Paulo, onde passou algumas semanas se tratando de uma enfermidade. As missivas vindas do Rio de Janeiro trazem, em sua maioria, desculpas por atrasos nas respostas e um tom melancólico e aborrecido de Mário, descontente com a vida naquele local. Trazem, quase sempre, notícias de períodos em que não escreveu para ninguém porque estava de cama, sofrendo de alguma enfermidade, mas, com esperanças e desejos de viver dias melhores e com mais saúde.

Vejamos, como exemplo, a carta de 24 de dezembro de 1943, escrita de São Paulo:

...Andei bem doente, meus amigos, passei mesmo êstes tempos de cama e só faz uns quatro dias que tive licença pra me levantar e locomover com cuidado. Me sinto fraquíssimo ainda, mas parece certo que agora estou na rota da saúde outra vez, vamos ver!

Mário, por sua vez, reclama sempre do novo Ascenso Ferreira que se lhe apresenta: preocupado com o futuro, com suas obras e com a recepção destas. Mário pede sempre que Ascenso volte a ser o homem alegre e despreocupado que sempre foi e que Manuel Bandeira chamava carinhosamente de “ Ascensão, homem grandão e gordão”, pelo seu humor e jeito de menino feliz.

4 CONCLUSÃO

Nossas pesquisas têm nos mostrado que foi decisiva a influência de Mário de Andrade na obra e na trajetória de Ascenso Ferreira. Através da leitura prévia das obras do poeta pernambucano, assim como do aconselhamento a respeito de temas a serem trabalhados e do estilo modernista a ser seguido, Mário, de certo modo, direciona Ascenso Ferreira para as pesquisas ao estilo modernista. Ascenso Ferreira, por sua vez, fornece a Mário uma vasta coletânea de modinhas nordestinas, entre outros materiais do folclore pernambucano, sempre muito elogiado por Mário, que fala com emoção do esmero do poeta pernambucano, inclusive na transcrição das músicas e partituras. A continuação das pesquisas poderão corroborar essas afirmações e nos revelar mais sobre os dois poetas brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Perry. Modernidade e revolução. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n.14, p. 2-15, fev., 1986.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini *et al.* São Paulo: Editora UNESP; HUCITEC, 1988.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1992. p. 109-138.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências*: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. (Mestrado em Literatura Comparada) — Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*: doze lições. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *L'Épistolaire*. Paris: Hachette, 1995. (Collection Contours Littéraires).

INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Tupy, 1968-1969. 3 v.

MORAIS, Dênis. O pincel e a pena a serviço dos oprimidos. *O Tempo*. Belo Horizonte, 18 de maio de 2007.

NEVES, Margarida de Souza. *O Sertão (En)cantado: cores e sonoridades*. IN: STARLING, Heloisa; EISEMBERG, José e CAVALCANTE, Berenice (orgs). *Decantando a República*: Inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. (vol. 3).

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOUZA, Eneida Maria de. *Traço crítico*: ensaios. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte: Editora URMG, 1993.

